

Willian Douglas Guilherme  
(Organizador)



# História:

*Tempo & Argumento*

  
Ano 2022

Willian Douglas Guilherme  
(Organizador)



# História:

*Tempo & Argumento*

**Atena**  
Editora  
Ano 2022



**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora executiva**

Natalia Oliveira

**Assistente editorial**

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

**Imagens da capa**

iStock

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial****Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso  
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



## História: tempo & argumento

**Diagramação:** Camila Alves de Cremo  
**Correção:** Maiara Ferreira  
**Indexação:** Amanda Kelly da Costa Veiga  
**Revisão:** Os autores  
**Organizador:** Willian Douglas Guilherme

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

H673 História: tempo & argumento / Organizador Willian Douglas  
Guilherme. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0260-2

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.602222505>

1. História. I. Guilherme, Willian Douglas (Organizador).  
II. Título.

CDD 901

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**  
Ponta Grossa – Paraná – Brasil  
Telefone: +55 (42) 3323-5493  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)



**Atena**  
Editora  
Ano 2022

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



## APRESENTAÇÃO

O e-book “História Tempo & Argumento” traz um conjunto de estudos inéditos que apeteçam contribuir com o campo da pesquisa em história.

Nero e Evangelista Júnior, em sua pesquisa, investigam o “Monstro de Guaianases” que teria sido autor de pelo menos 29 crimes entre ataques sexuais e homicídios na cidade de São Paulo no período entre 1936 a 1952, um tema ousado, que levanta questionamentos que merecem a atenção do leitor.

No texto de Bandeira, há uma discussão pautada no medo que acompanha a sociedade brasileira desde a pandemia do século XIX. Por meio das charges publicadas na Revista Ilustrada, o autor traça um paralelo com a pandemia do século XXI, de COVID-19, buscando propor um equilíbrio para a vida em comunidade.

A imagem do caixeiro viajante ressurgiu no estudo de Vieira Filho, que traz sua importância social e econômica para o interior do Piauí, trazendo elementos da cultura material e imaterial que envolve o desenvolvimento econômico, político, social e cultural do Estado.

No artigo de Claro, a autora propõe seu olhar a partir do estudo da líder religiosa do Terreiro de Candomblé Ilê Axé Opô Afonjá, Eugênia Anna dos Santos e seu papel educacional na resistência e luta negra em Salvador/BA.

No artigo de Lara, a autora discute o drama social vivido pela pandemia de COVID-19 e sua relação com a ocupação/desocupação do espaço acadêmico da UNEMAT, no município de Cáceres/MT, propondo como esse processo impactaria na trajetória acadêmica destes alunos.

A história da Universidade de Sorocaba foi registrada por Xavier e Pinto que pesquisaram o período de 1951 a 2021 apontando o crescimento da instituição em várias áreas, com destaque a extensão universitária.

Utilizando-se da história oral, Mendes e Marta pincelam a história da cena musical do rock em Vitória da Conquista/BA no período de 2000 a 2009. É uma importante oportunidade de conhecermos um pouco mais sobre esse gênero musical e sua presença no interior do Brasil.

Uma ótima leitura a todos!

Willian Douglas Guilherme




## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO 1..... 1**

BENEDICTO MOREIRA DE CARVALHO (O MONSTRO DE GUAIANASES): CRIMINOSO OU DOENTE?

Carla Priscila Del Nero

Oswaldo Evangelista Júnior

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6022225051>

### **CAPÍTULO 2..... 13**

CIDADES SITIADAS: REPRESENTAÇÕES DO MEDO DA MORTE E DAS ENFERMIDADES NA PANDEMIA DO COVID-19 E NAS CHARGES DO FINAL DO SÉCULO XIX NO BRASIL


Élcia de Torres Bandeira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6022225052>

### **CAPÍTULO 3..... 26**

A CULTURA MATERIAL E IMATERIAL DO CAIXEIRO VIAJANTE


Antônio Lopes Vieira Filho

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6022225053>

### **CAPÍTULO 4..... 41**

EDUCAÇÃO COMO LUTA E RESISTÊNCIA: A BUSCA DE EUGÊNIA ANNA DOS SANTOS, A MÃE ANINHA DO ILÊ AXÉ OPÔ AFONJÁ


Silene Ferreira Claro

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6022225054>

### **CAPÍTULO 5..... 51**

ETNOGRAFIA E O ESPAÇO ACADÊMICO: UM ESTUDO ETNOGRÁFICO NA UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO - UNEMAT, CAMPUS DE CÁCERES

Julio Cezar de Lara


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6022225055>

### **CAPÍTULO 6..... 61**

EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: UMA ANÁLISE DO PERÍODO DE 1951 A 2021 NA UNIVERSIDADE DE SOROCABA

Silvana Maria Gabaldo Xavier

Rafael Ângelo Bunhi Pinto


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6022225056>

### **CAPÍTULO 7..... 77**

MEMÓRIA E SUBJETIVIDADE DE UMA CENA MUSICAL ATRAVÉS DA HISTÓRIA ORAL

Plácido Oliveira Mendes

Felipe Eduardo Ferreira Marta

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6022225057>

<b>SOBRE O ORGANIZADOR.....</b>	<b>86</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO.....</b>	<b>87</b>

## MEMÓRIA E SUBJETIVIDADE DE UMA CENA MUSICAL ATRAVÉS DA HISTÓRIA ORAL

Data de aceite: 02/05/2022

Data de submissão: 08/03/2022

### Plácido Oliveira Mendes

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Vitória da Conquista – Bahia  
<http://lattes.cnpq.br/5463391500618681>

### Felipe Eduardo Ferreira Marta

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Vitória da Conquista – Bahia  
<http://lattes.cnpq.br/6116223353042882>

**RESUMO:** O estudo da memória exige do pesquisador alto nível de cuidado que se inicia pelo conhecimento do próprio termo. Somente desta forma é possível escolher o método de trabalho mais adequado, a fim de se obter os resultados esperados da forma mais eficaz. A história oral revela-se como um conjunto de técnicas especialmente adequado à pesquisa em memória, capaz de perceber as diversas subjetividades humanas através das entrevistas, capturadas por ferramentas tecnológicas em áudio e vídeo para, então, serem convertidas à linguagem escrita. Através da história oral foi possível abordar, da maneira mais condizente aos objetivos da nossa pesquisa, a memória da cena musical do rock em Vitória da Conquista-BA durante o período de 2000 a 2019. A experiência revelou grande rol de possibilidades de análise do conteúdo colhido, sendo possível, inclusive, perceber novas nuances para futuras revisitas ao material original, considerando-se o arquivo em

vídeo como o mais próximo da experiência *in loco* e, portanto, grande fonte de dados subjetivos, impossíveis de serem transmitidos com a devida fidelidade através da linguagem escrita.

**PALAVRAS-CHAVE:** Memória. História oral. Subjetividade. Fonte oral. Cena musical.

### MEMORY AND SUBJECTIVITY OF A MUSICAL SCENE THROUGHT ORAL HISTORY

**ABSTRACT:** The study of memory demands a high level of caution from the researcher, which begins with the knowledge of the term itself. Only with this procedure is it possible to choose the most suitable working method, in order to obtain the expected results in the most effective way. Oral history reveals itself as a set of techniques especially suited to memory research, capable of perceiving human subjectivities through interviews, captured by technological tools in audio and video to then be converted to written language. Through oral history, it was possible to approach, in the most appropriate way to the objectives of our research, the memory of the rock music scene in Vitória da Conquista-BA during the period from 2000 to 2019. The experience revealed a great range of possibilities for content analysis collected, and it is even possible to perceive new nuances in future revisits to the original material, considering the video file as the closest to the live experience and, thus, a great source of subjective data, impossible to be transmitted with due fidelity. through written language.

**KEYWORDS:** Memory. Oral history. Subjectivity.

## 1 | INTRODUÇÃO

O estudo da memória, sobretudo em nível científico, através de programas de pós-graduação, revela-se desafiante ao pesquisador recém-ingressado. No contexto do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, de natureza multidisciplinar (significando que o corpo discente não necessariamente será constituído por graduados em ciências sociais), percebe-se, pelos corredores, salas de aula e grupos de WhatsApp, um certo (e natural) sentimento de angústia causado pela dificuldade em se *decifrar* determinados conceitos e lógicas que, pouco a pouco, serão absorvidos. Isto, seguramente, podemos atribuir a uma forte gama de equívocos e preconceitos que acompanham o tema da memória desde tempos remotos, integrando-se ao senso comum. Não é, nem de longe, difícil conceber que muitos pós-graduandos em Memória ingressam ao curso sem uma ideia ao menos razoável do significado desta aparentemente simples palavra. Enquanto a História, de um lado, busca desconstruir o senso comum que, geralmente, a atribui a associação entre eventos, nomes e datas (“o Brasil foi *descoberto* por Pedro Álvares Cabral em 22 de abril de 1500”), à memória, de outro, costuma ser atribuída a capacidade de armazenar informações mentalmente (mnemônica) ou mesmo a confusão com a história. Assim, façamos agora um breve exercício de imaginação: torna-se perfeitamente compreensível conceber o grau de dificuldade enfrentado por um novo mestrando em Memória, advindo de uma graduação em uma das subáreas da saúde, ciências naturais ou exatas. Difícilmente estas pessoas foram submetidas, anteriormente, a reflexões conceituais acerca de história e memória, logo, o único conhecimento disponível até o momento seria o advindo do senso comum.

Ao pesquisador que fará uso da história oral como método, torna-se necessário refletir, de imediato, sobre essas diferenças, tendo em mente a natureza dos seus objetivos, afinal, cada pesquisa traz em si características únicas que exigem formas de atuação adequadas ao seu eficaz desenvolvimento. Podemos ilustrar de forma simples: se alguém precisa de um veículo econômico e básico para se locomover diariamente da sua residência ao seu local de trabalho, e lhe é oferecido um rol composto por um Fusca, uma Ferrari e uma carreta, sabe-se que é possível chegar ao destino com qualquer das opções, afinal, são todos veículos. Porém, de acordo com o objetivo proposto, não faria sentido escolher um carro luxuoso, de alta potência e valor financeiro, tampouco um veículo destinado ao transporte de cargas pesadas, de difícil manobra e custo. Isso desconsiderando-se outros fatores, como o preço de cada um e a categoria de habilitação exigida que, em si, possivelmente inviabilizariam a escolha. Ao se fazer a seleção adequada, economiza-se tempo, esforço, minimiza-se os riscos e alcança-se maior eficácia. Da mesma forma, é fundamental ao pesquisador conscientizar-se acerca do terreno em que trabalhará, tendo

em mente seus objetivos, para, então, escolher o método mais adequado. Aqui trataremos de uma situação onde a história oral assume este papel.

## 2 | HISTÓRIA ORAL E SUBJETIVIDADE

Nossa pesquisa, ainda em andamento, debruça-se sobre a memória da cena *rock* independente em Vitória da Conquista-BA, no recorte temporal de 2000 a 2019, enfatizando-se o fator *música autoral*. Após uma análise prévia, elegemos a história oral como principal “conjunto de procedimentos” (MEIHY; HOLANDA, 2007, p. 15) para a obtenção de fontes, uma vez que trata-se de uma pesquisa em memória e, ainda que fosse essencialmente histórica, não haveria fontes bibliográficas e documentais suficientes para um resultado por nós considerado satisfatório. Revela-se um tema pouco abordado, sobretudo em nível local, logo, pouco documentado. A cena do rock conquistense, conforme constatamos através das quatorze entrevistas realizadas e documentos escritos captados, enxergava-se, não por acaso, como marginal e desvalorizada pelas demais vertentes sociais. Um gênero musical estrangeiro, de natureza propositadamente agressiva e contestadora que se refletia também no aspecto visual (a “tribo dos camisas pretas”), muitas vezes não foi considerado “digno” de atenção/registro, como comprovamos através da quase total ausência de documentação no Arquivo Público Municipal, ainda que o tradicional *Point do Rock*, palco dedicado ao estilo nas micaretas anuais (extintas em 2008) durante boa parte do recorte, fosse financiado por dinheiro público e espaços como o Teatro Municipal Carlos Jehovah e a concha acústica do Centro de Cultura Camillo de Jesus Lima (estadual) houvessem se tornado icônicos para a cena.

Ao tratarmos sobre a (não) importância do rock autoral conquistense, portanto, percebemos ser mais adequado abordar as impressões de pessoas que fizeram/fazem parte da cena, de diferentes ângulos (músicos, produtores, jornalistas, frequentadores) do que traçar uma “simples” cronologia de eventos e de formação/dissolução de bandas ou espaços (que detêm, sim, importância para um estudo posterior, sob outros aspectos). Isto porque abordar a memória significa acessar elementos que guardam forte relação com sua significação para os atores envolvidos. Um acontecimento que manteve-se vivo na memória de um grupo ocupando um *espaço* diferenciado, certamente é um marco fundamental à identidade desse grupo, muitas vezes denominado por nós como *cena*<sup>1</sup>.

---

1 Trabalhamos aqui com o conceito de “*cena musical*” desenvolvido através dos textos de Will Straw, compreendendo, resumidamente, um conjunto formado por pessoas, geralmente jovens, em ambiente urbano, unidos pela musicalidade (o rock, em nosso contexto), ocupando e transformando espaços, que passam a se tornar simbólicos e associados àquele grupo perante a sociedade geral. As pessoas-membros nutrem um sentimento de pertencimento, trabalhando em prol da manutenção da “*cena*”, assumindo funções típicas, como músicos/bandas, produtores, proprietários de espaços culturais, jornalistas, técnicos de som, divulgadores e o próprio público consumidor. Importante destacar que uma “*cena*” necessariamente é independente e criada por esse conjunto de pessoas e espaços. Desta forma, não caberia, por exemplo, aplicar o conceito ao mercado da música sertaneja no Brasil, fortemente patrocinado por grandes corporações e a mídia dominante. Não raro, o termo aparecerá como semelhante ao do “*grupo*” abordado por Maurice Halbwachs, ciente de que a “*cena*” compreende, ainda, diversos subgrupos: a “*cena musical*” do rock compõe, ilustrativamente, o grupo dos *punks*, dos *indies*, dos *metaleiros*, dos envolvidos com os bastidores de eventos, dos que se



Aqui percebemos uma diferença fundamental entre história e memória: enquanto a última ocupa-se de elementos subjetivos presentes no íntimo de cada pessoa, como o simples fato de se lembrar de (ou relatar) determinado aspecto do passado, a primeira necessita da verificabilidade, geralmente sob a forma de documentos escritos. Este aspecto da memória tornou-a alvo de inúmeras críticas e ressalvas, uma vez que se sujeitaria facilmente a distorções. A história oral, enquanto importante ferramenta de “captura” da memória, até hoje ainda é alvo das mesmas desconfianças.

Fontes orais são aceitáveis mas com uma credibilidade *diferente*. A importância do testemunho oral pode se situar não em sua aderência ao fato, mas de preferência em seu afastamento dele, como imaginação, simbolismo e desejo de emergir. Por isso, não há “*falsas*” fontes orais. Uma vez que tenhamos checado sua credibilidade factual, que são requeridos por todos os tipos de fontes em qualquer circunstância, a diversidade da história oral consiste no fato de que afirmativas “*erradas*” são ainda psicologicamente “*corretas*”, e que esta verdade pode ser igualmente tão importante quanto registros factuais confiáveis. (PORTELLI, 1997, p. 32)

Reiterando nosso exemplo sobre a escolha do veículo adequado, deve-se levar em consideração as características da pesquisa, bem como os objetivos a se atingir. Quando decidimos pesquisar acerca da importância da música autoral no processo de formação da identidade de um grupo inserido numa comunidade urbana – a cena rock de Vitória da Conquista – como um importante aspecto no grande mosaico cultural que constitui a cidade, seguramente mostra-se mais adequado captar o aspecto subjetivo de membros do grupo do que analisar números e nomes relacionados a eventos de rock. Daqui, destacamos que um dos mitos depreciadores da história oral, o de que ela não passaria de um “paliativo” para casos em que não houvessem fontes documentais e bibliográficas suficientes para o desenvolvimento da pesquisa, desmonta-se por completo. Não há, pois, uma hierarquia de importância entre os métodos, mas a detecção e adoção do método mais adequado, de acordo com seu próprio contexto.

Ainda sobre preconceitos científicos, há a questão da infundada rejeição à fonte oral, considerada por muitos como imprecisa e pouco confiável em relação à fonte escrita, naturalmente (para não dizermos “automaticamente”) aceita como válida e “digna”, como se, *necessariamente*, carregasse em si algum lastro de autenticidade que permita a sua incontestável utilização pela ciência. Ora, aqui deve-se refletir sobre a natureza da fonte: o ser humano utiliza-se, para comunicar-se, da *linguagem*, que pode apresentar-se através de formatos diversos: a escrita (que também subdivide-se em categorias como a poesia, o romance, o texto dissertativo, etc.), a visual, a sonora, a corporal, envolvendo inúmeras outras categorias e subcategorias que envolvem as artes e outras técnicas. Logo, a escrita revela-se como *uma* das formas de comunicação humana. Assim, não constitui, a escrita em si, sinônimo da precisão, objetividade e fidelidade buscadas pela ciência.

---

limitavam ao papel de *público*, etc.

Muitos documentos escritos têm origem na oralidade. A própria história oral não limita-se à gravação em si dos depoimentos: compreende, ainda, etapas prévias, descritas no projeto de pesquisa, incluindo a roteirização, e etapas posteriores, como a transcrição inicial e edições seguintes, com o objetivo de se formatar o texto para o veículo que o tornará público (um relatório de pesquisa, um livro, uma revista, uma publicação em *website*...). O depoimento gravado torna-se documento escrito, mas não é pelo simples fato de ser convertido que o texto sofre uma “elevação de status”. Não é o formato, neste contexto, que importa, mas o conteúdo e o propósito de sua existência, ou seja: as razões de ser da pesquisa. Em se tratando de pesquisa em memória, desarticulamos, aqui, mais um equívoco.

Em 2004, nós estávamos de volta ao festival Point do Rock, na micareta de Conquista. Nós participamos da seleção de bandas e dessa vez fomos convidados pela organização. A Cama de Jornal estava com o segundo disco praticamente pronto para ser gravado, e se chamaria *Comendo Lixo*. Nesse show, tocaríamos a maior parte do repertório autoral, somente com alguns covers de bandas como Cólera, RDP e Excomungados. Nós já estávamos focados no som autoral e tínhamos músicas suficientes para fazer um show totalmente com músicas próprias, mas ainda cabiam, naquele momento, alguns covers.

Era dia 19 de abril, a Cama de Jornal tocou em um horário bacana, ao contrário da primeira vez que participamos do festival, em que fomos a última atração. Logo quando cheguei, a Praça Guadalajara, que é conhecida como Praça da Normal, já estava com muitas pessoas. Aos poucos, o público ia chegando e enchendo o local ainda mais. Nesse dia, eu resolvi fazer a gravação do áudio do show. Comprei um MD, um minidisco que era parecido com um disquete, só que, em vez de a mídia ser magnética, era digital, como se fosse um pequeno CD, e vinha dentro de uma caixinha de acrílico. Esse padrão foi criado pela Sony para substituir as fitas cassetes, mas não conseguiu concorrer com o CD. Passei o MD para o cara da mesa de som e pedi que gravasse todo o show. (TOSCO TODO, 2019, p. 143)

Em nossa pesquisa, realizamos quatorze entrevistas. Optamos por cancelar a décima quinta ao adquirirmos a autobiografia do possível entrevistado, Nem Tosco Todo, vocalista, compositor e produtor da banda *punk* Cama de Jornal. Através da citação, percebemos a escolha pela escrita autobiográfica, narrativa, que poderia perfeitamente ter sido captada por nosso gravador. Seu livro traz, em 352 páginas, um conteúdo em formato muito semelhante ao obtido através das entrevistas, todas na modalidade *história oral de vida*, onde o entrevistado narra sua trajetória abordando temas que lhe são caros, de forma livre, com poucas intervenções do entrevistador, que conduz respeitosamente a entrevista em um diálogo com seu *coautor*. O simples fato de o entrevistado conhecer a natureza da pesquisa, somado ao comprometimento de cada um com o tema (todos sabiam, grosso modo, que nos encontrávamos em meio a uma pesquisa sobre o rock local e que não foram escolhidos por acaso) os direcionou de forma orgânica a ele. Percebamos, agora, a semelhança de estilística entre o texto escrito e publicado e o texto obtido através da

história oral:

Em 2009, a gente lançou a demo. Nisso, já havia aparecido o Viela e eu pedi patrocínio para o Euvaldo, para lançarmos o CD físico. No CD há o patrocínio do Viela e da Churrascaria Paraíso. Antigamente havia essa ideia de buscar patrocínio com as empresas. Hoje abandonamos um pouco isso, mas é interessante, porque não temos como financiar e, sem dinheiro, não se faz nada. Lançamos, no Viela Sebo-Café, a demo que gravamos em Ruckson, um cara que faz falta para o rock n' roll da cidade, porque conhece e sabe tirar o som rock n' roll. (BORGES, 2020, adaptado)

Um dos aspectos que tornam rica a pesquisa em memória através da história oral é justamente a subjetividade. Ao fornecer, além do texto escrito, a gravação em áudio e, não raro, em vídeo, é capaz de fornecer dados importantes através de diversas nuances, como expressões, gestos, pausas, diferenças de volume, ênfase, bem como o próprio ritmo da narrativa. Desta forma, demonstra seu aspecto abrangente e completo, independentemente do nível de escolaridade do entrevistado. Há, em diversos textos acerca da história oral, afirmações acerca de seu caráter atrelado às classes marginalizadas, aos silenciados e oprimidos, o que consideramos uma visão romantizada acerca da técnica: ao mesmo tempo em que é possível, através da entrevista, obter textos (aqui, *texto* em sentido amplo) valiosos advindo das pessoas mais humildes, também o é em relação às mais privilegiadas, uma vez que é capaz de captar as subjetividades humanas com maior riqueza que a escrita. A ironia, a hesitação, a desistência, o medo, a ira e tantos outros aspectos da expressão humana estão presentes em todas as pessoas. Sendo a história oral capaz de captar estas particularidades, podemos situá-la, com alguma margem de segurança, entre as mais eficazes formas de se obter dados em ciências humanas.

[...] os documentos de história oral são sempre o resultado de um relacionamento, de um projeto compartilhado no qual ambos, o entrevistador e o entrevistado, são envolvidos, mesmo se não harmoniosamente. Documentos escritos são fixos, eles existem tenhamos ou não ciência deles, e não mudam uma vez que os tenhamos encontrado. Testemunho oral é apenas um recurso potencial até que pesquisas o chamem para a existência. A condição para existência da fonte escrita é a emissão; para fontes orais é a transmissão [...]. O conteúdo da fonte escrita é independente das necessidades e hipóteses do pesquisador; é um texto estável, que não pode ser apenas interpretado. O conteúdo das fontes orais, por outro lado, depende largamente do que os entrevistadores põem em termos das questões, diálogos e relações pessoais. (PORTELLI, 1997, p. 35)

A entrevista em história oral é, essencialmente, um diálogo entre o entrevistado e o entrevistador, onde ambos detêm igual nível de importância. Porém, não se deve ceder à tentação de desconsiderar o protagonismo do entrevistado. Ao se deparar com um texto devidamente saneado e formatado (etapas posteriores à transcrição literal), tem-se a impressão de que houve uma espécie de monólogo, onde o pesquisador nada mais realizou que a captação da fala e *conversão* à escrita. Isto é comum em textos publicados em revistas

ou livros, onde as falas do entrevistador são omitidas, para tornar o relato mais fluído aos olhos do leitor. Porém, deve-se ter em mente que diferentes formas de linguagem guardam, cada uma, suas particularidades. Um entrevistado jamais se expressará da mesma forma em uma entrevista oral e em uma entrevista escrita, através de e-mail, por exemplo: a fala é menos formal, mais sujeita a hesitações, pausas, repetições, vícios de linguagem que não necessariamente se mostram na escrita. A própria facilidade em se corrigir um texto escrito em computador antes de enviá-lo ao pesquisador cria consistentes diferenças na forma de expressão. Transformar um relato oral em um relato escrito é uma das atribuições típicas do pesquisador, que anteriormente foi o autor do projeto de pesquisa, da roteirização, da escolha dos entrevistados, da condução da entrevista. O pesquisador, nesse sentido, é tão autor do texto final quanto o entrevistado. Portelli vai além:

O resultado final da entrevista é o produto de ambos, narrador e pesquisador. Quando as entrevistas, como é frequentemente o caso, são arrumadas para a publicação, omitindo inteiramente a voz do entrevistador, uma sutil distorção tem lugar: o texto dá as respostas sem as questões, dando a impressão que determinado narrador dirá as mesmas coisas, não importando as circunstâncias – em outras palavras, a impressão que uma pessoa falando é tão estável e repetitiva como um documento escrito. Quando a voz do pesquisador é cortada, a voz do narrador é distorcida. (PORTELLI, 1997, p. 36)

É importante, portanto, sobretudo quando se tratar de pesquisas em temas pouco explorados, como a memória de uma cena musical local, reconhecer e reafirmar o protagonismo do pesquisador, primeiro responsável, através da sua decisão em pesquisar, por trazer à tona aquelas realidades até então ocultas ao mundo científico e ao público como um todo. Em nossa experiência, percebemos esse reconhecimento por parte dos próprios entrevistados, ao demonstrarem especial ânimo e satisfação em participar ativamente da pesquisa. Muitas vezes, é verdade, o silêncio pode revelar traumas, inconveniências e incômodos que foram ocultados propositadamente, como se verifica em grupos submetidos a alguma particularidade em sua história ou, ainda se encontrem em uma situação de risco, como sobreviventes de guerras, comunidades oprimidas pelo crime ou pelo próprio estado. Porém, como verificamos, é possível que o silêncio signifique, simplesmente, que aquele grupo aguardava alguma oportunidade de relatar seu ponto de vista, sendo necessária a intervenção de algum agente, externo ou não, disposto a escutar, documentar, interpretar e publicar aquele contexto social. Foi preciso tomar a difícil decisão de se encerrar, não sem protestos, o ciclo de entrevistas, sob a pena de impossibilitar o cumprimento do cronograma proposto. Assim, tamanho é o nível de riqueza possível de ser captado através da história oral, que é possível desenvolver-se um grande estudo tanto através do depoimento quanto do não-depoimento.

### 3 | CONCLUSÃO

Diríamos voluntariamente que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios. Não é de admirar que, do instrumento comum, nem todos aproveitam do mesmo modo. Todavia quando tentamos explicar essa diversidade, voltamos sempre a uma combinação de influências que são, todas, de natureza social. (HALBWACHS, 1990, p. 51)

Reiteramos, finalmente, acerca da necessidade de se romper com velhos dogmas, especialmente quando tratamos de ciência. Muitas importantes pesquisas simplesmente não chegaram a nascer ao serem vítimas de algum preconceito metodológico que impediu a adequada aplicação dos devidos procedimentos de abordagem. A história oral mostra-se um conjunto de técnicas adequado à pesquisa em memória, uma vez que é capaz de captar uma vastidão de subjetividades impossível à escrita. Desta forma, a gama documental gerada não limita-se apenas à transcrição, literal ou formatada, mas também ao arquivo em áudio e/ou vídeo gerado que, armazenado, continuará constituindo importante fonte de informações. É possível que um arquivo em vídeo de uma das quatorze entrevistas realizadas durante a nossa pesquisa revele, futuramente, aspectos distintos dos que publicaremos, não percebidos por nós neste momento. Desta forma, é possível afirmar que o estado natural do relato é aquele que contém a subjetividade mais próxima da experiência *in loco*, ou seja: o arquivo multimídia revela-se como fonte mestra, e a transcrição já como derivada, ainda que literal, incluindo erros, repetições e demais elementos. Por mais detalhada que seja uma transcrição, ela jamais será capaz de captar a totalidade subjetiva da entrevista, pela própria natureza da linguagem escrita, codificada, logo, limitada. Isto (a totalidade), destacamos, nem mesmo o arquivo audiovisual é capaz de captar, uma vez que o alcance de uma câmera é menor que o do olho e ouvido humanos, mas constitui o que há de mais próximo disponível. Eliminar o arquivo audiovisual após a transcrição constitui, desta forma, um grande equívoco que deve ser desestimulado.

### REFERÊNCIAS

BORGES, Loro. [Entrevista cedida a] Plácido O. Mendes em 10 out. 2020. Arquivo do autor.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução: Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1990.

MEIHY, José Carlos Sebe B.; HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer, como pensar**. 2. ed. 7ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2019.

PORTELLI, Alessandro. “O que faz a história oral diferente”. **Projeto História**, São Paulo, n.14, p.31 fev. 1997.



PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos: narração interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. **Tempo**, Rio de Janeiro, v.1, n.2, pp.59-72, p.64, 1996.

TOSCO TODO, Nem. **Vagando por aí**. Vitória da Conquista: 2019.

## **SOBRE O ORGANIZADOR**

**WILLIAN DOUGLAS GUILHERME** - Pós-Doutor em Educação, Historiador e Pedagogo. Professor Adjunto da Universidade Federal do Tocantins e líder do Grupo de Pesquisa CNPq “Educação e História da Educação Brasileira: Práticas, Fontes e Historiografia”. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3996555421882005>

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Academia 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 47

Afonjá 41, 42, 44, 47, 48, 49

Alunos 51, 53, 54, 55, 57, 58, 59, 68, 72, 73

Ambiente 31, 51, 52, 53, 54, 57, 58, 59, 69, 79

Atividades 26, 48, 56, 61, 62, 63, 66, 67, 68, 70, 71, 72, 73, 74

### B

Benedicto 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11

Brasil 7, 12, 13, 15, 16, 18, 19, 23, 24, 25, 26, 28, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 39, 41, 42, 43, 45, 46, 47, 48, 49, 51, 52, 53, 58, 62, 63, 64, 69, 75, 78, 79

### C

Cáceres 51, 52, 53, 54, 55, 56, 58, 59

Caixeiro 26, 33, 34, 35, 36, 37, 38

Candomblé 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50

Cena 57, 77, 79, 80, 83

Cidade 14, 16, 17, 18, 19, 20, 22, 23, 25, 30, 31, 33, 35, 39, 44, 68, 70, 72, 73, 80, 82

Conhecimento 26, 28, 34, 44, 45, 46, 61, 62, 63, 64, 65, 67, 70, 73, 77, 78

Covid 13, 14, 15, 16, 17, 19, 23, 24, 25, 51, 52, 53, 57, 58, 73

Crimes 1, 2, 3, 5, 8, 9, 10, 11

Cultural 14, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 34, 37, 39, 41, 45, 49, 50, 56, 57, 63, 64, 65, 69, 80

### D

Delegacia 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10

### E

Educação 24, 27, 30, 41, 47, 48, 49, 50, 54, 59, 61, 62, 63, 64, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 75, 86

Ensino 26, 50, 51, 54, 55, 62, 63, 64, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74

Escrita 13, 14, 39, 77, 80, 81, 82, 83, 84

Espaço 14, 15, 17, 27, 41, 42, 48, 49, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 58, 64, 65, 66, 73, 79

Estudo 12, 13, 24, 26, 27, 32, 51, 52, 53, 58, 59, 61, 67, 68, 72, 73, 77, 78, 79, 83

Estupro 1, 5, 6, 7, 8, 9, 11

Extensão 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75

## **F**

Fontes 39, 42, 44, 79, 80, 82, 85, 86

## **G**

Gestão 57, 58, 59, 63, 68, 69, 70, 71, 72, 73

Graduação 61, 64, 66, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 78

## **H**

História 1, 13, 14, 18, 25, 26, 29, 31, 32, 34, 39, 41, 44, 48, 49, 50, 61, 63, 66, 69, 74, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 86

## **I**

Idade 2, 3, 4, 6, 7, 8, 11, 14, 17, 33, 67

Identidade 2, 4, 5, 6, 8, 26, 27, 29, 30, 34, 39, 41, 42, 44, 45, 46, 49, 62, 79, 80

## **M**

Mãe 2, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50

Material 17, 26, 27, 32, 33, 34, 35, 77

Mato Grosso 51, 52, 53, 54, 59

Memória 17, 29, 34, 50, 54, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84

Morte 6, 9, 12, 13, 14, 15, 17, 18, 19, 23, 24, 46

Município 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 26, 37, 51, 52, 53

Museus 26, 30, 31, 33, 39

## **O**

Opô 41, 42, 44, 47, 48, 49

Oral 34, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84

## **P**

Pandemia 13, 15, 16, 17, 19, 22, 24, 51, 53, 58, 59

Patrimônio 26, 27, 29, 30, 31, 32, 34, 39, 47, 50

Pesquisa 1, 15, 30, 35, 49, 51, 52, 53, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 66, 67, 68, 69, 70, 72, 73, 74, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 86

Pesquisador 1, 53, 77, 78, 82, 83

Polícia 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12

Produtos 29, 34, 35, 36, 37, 38

Programa 61, 67, 68, 69, 71, 72, 73, 74, 78

## **R**

Religiosa 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 50

Rock 77, 79, 80, 81, 82

## **S**

Santos 8, 9, 39, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 48, 49, 50

Saúde 13, 15, 16, 17, 18, 21, 22, 24, 33, 66, 67, 68, 69, 71, 78

Social 13, 14, 15, 16, 17, 18, 20, 21, 23, 24, 26, 27, 28, 29, 31, 34, 37, 44, 45, 46, 48, 51, 53, 59, 61, 62, 64, 66, 68, 69, 70, 73, 74, 83, 84

Sociedade 5, 17, 18, 21, 24, 27, 28, 29, 30, 42, 44, 45, 46, 47, 48, 62, 63, 64, 65, 70, 74, 78, 79

## **U**

Universidade 1, 12, 28, 42, 45, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 56, 59, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 86

## **V**

Viajante 26, 33, 34, 35, 36, 37, 38

Vida 11, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 23, 29, 31, 32, 36, 43, 44, 47, 48, 51, 52, 53, 58, 81



Atena  
Editora  
Ano 2022



# História:

*Tempo & Argumento*

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

@atenaeditora

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)



Atena  
Editora  
Ano 2022



# História:

*Tempo & Argumento*

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

